

Uma das características que torna um qualquer artista imortal é a sua capacidade de produzir arte intemporal. O génio de Fernando Pessoa, mundialmente reconhecido, manifesta-se na minha opinião de forma magistral no Poema em Linha Recta do seu heterónimo, Álvaro de Campos. Fernando Pessoa consegue, num poema escrito há sensivelmente 100 anos fazer um retrato perfeito da realidade virtual que se vive nas redes sociais nos dias de hoje. É absolutamente estupefaciente perceber como algumas características dos seres humanos se mantêm ao longo do tempo e também inacreditável a forma como um empresário falido, um mero tradutor de correspondência comercial, conseguiu tirar uma fotografia tão nítida e que se consegue manter tão atual mesmo depois de atravessar um século com brutais e profundas transformações da sociedade em que vivemos.

As redes sociais ocupam uma parte cada vez mais significativa nas nossas vidas e alteraram para sempre a forma como nos relacionamos uns com os outros. Serviram para nos aproximar, para reencontrar pessoas que já não víamos há anos, para conhecer pessoas novas, para encontrar oportunidades de trabalho e para facilitar e acelerar a comunicação mas também serviram para mostrar o anel de noivado, as férias nas Maldivas, o fim-de-semana no Douro, o carro novo, o emprego novo, o projeto novo, a casa nova, o telemóvel novo, o namorado novo, o jantar no restaurante da moda, a ida ao cinema, o gosto por música clássica, o gosto por livros eruditos, a preocupação com causas sociais, enfim, a perfeição. As redes sociais tornaram-se numa espécie de paraíso de plástico em esteroides, uma encenação de fumos e espelhos em que toda a gente está permanentemente feliz e de férias, a viver numa plena e completa harmonia.

São estes os príncipes de Álvaro de Campos, ideais de perfeição inatingíveis que produzem um ciclo vicioso e interminável de projeções de vidas totalmente falsas e simuladas. Nas redes sociais ninguém é mau, ninguém janta arroz

com salsichas, ninguém passa férias em casa, ninguém chega ao final do mês sem dinheiro, ninguém deixa uma conta por pagar, ninguém pede dinheiro emprestado, ninguém é traído, ninguém é despedido, ninguém “nunca teve um acto ridículo, nunca sofreu enxovalho, nunca foi senão príncipe - todos eles príncipes - na vida...”

Este Poema em Linha Recta demonstra na perfeição como um indivíduo se sente diminuído, insignificante, impotente e miserável com todos os seus defeitos, as suas dificuldades, os seus complexos perante estas constantes representações de vidas perfeitas com que é constantemente bombardeado nas redes sociais. Estes sentimentos levam por sua vez a uma replicação

dos comportamentos observados nos outros, perpetuando este ciclo interminável de procura da validação do outro.

No Instagram este ideal de perfeição tem o seu expoente máximo num novo “player” que se designa como influencer. Pessoas normalmente bonitas e com aparências cuidadas mas com pouco conteúdo, têm legiões de seguidores que ficam encantados

30 OS CAMPEÕES DA VIDA E AS REDES SOCIAIS

Rui Moreira

“NUNCA CONHECI QUEM TIVESSE LEVADO PORRADA. TODOS OS MEUS CONHECIDOS TÊM SIDO CAMPEÕES EM TUDO.”

com estilos de vida que não conseguem sustentar e que nunca vão conseguir atingir. Sucodem-se as stories de férias em destinos paradisíacos pagas por empresas de viagens, de roupas da moda pagas por marcas grandes e pequenas marcas, de carros patrocinados por stands de automóveis e toda uma panóplia de ofertas e benefícios que fazem com que o comum mortal se sinta ainda mais frustrado e com ainda mais vontade de imitar aquilo que na realidade nunca vai conseguir atingir, restando-lhe apenas fingir.

No LinkedIn vemos crescer como cogumelos os gurus do empreendedorismo, autênticos MacGyvers que construíram empresas de

sucesso a partir de um fósforo e de uma barra de sabão. Vendem-nos histórias inspiradoras, autênticos batedores de punho que nos fazem acreditar que o sucesso é fácil de atingir e que só precisamos do mindset, do mantra, da proposta de valor, do pitch, do “to do action”, do input, do know how e de mais uma série de lugares comuns que grande parte das vezes são vazios de conteúdo.

O que este fantástico poema de Fernando Pessoa nos demonstra é que a sociedade padece de um problema com talvez séculos de existência. Existe uma necessidade premente de validação por parte dos nossos pares, precisamos do like, do comentário e da partilha para, por escassos minutos, aliviarmos o vazio que muitas vezes as redes sociais nos fazem sentir. Sentimos a necessidade quase constante da aprovação, gastando muitas vezes o que não temos para comprar o que não precisamos e para agradar a quem nem sequer gosta de nós. Este sentimento é muitas vezes semelhante a consumir droga, satisfaz-nos no imediato mas passado algum tempo estamos a “ressacar” e voltamos para mais uma dose, sempre mais uma dose, achando tal como um toxicod dependente no início do seu vício, que estamos no controlo e de que paramos quando quisermos.

“Arre! Estou farto de semi-deuses! Onde é que há gente no mundo?”

